

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

WASHINGTON LOPES GÓES

A obra de Clóvis Moura e a categoria Trabalho em Marx e Engels

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

A obra de Clóvis Moura e a categoria Trabalho em Marx e Engels

Washington Lopes Góes

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Educação, Cultura e
relações Étnicos Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

A obra de Clóvis Moura e a categoria Trabalho em Marx e Engels

Washington Lopes Góes ¹

Resumo:

Esta pesquisa teve o desafio de estudar como se dá a relação da escrita de Clovis Moura com a categoria trabalho formulada por Karl Marx e Engels. O objetivo foi identificar e analisar na produção intelectual de Clóvis Moura a apropriação da análise da categoria trabalho. Para tal, foi feita uma pesquisa bibliográfica analisando algumas obras de Marx e Engels, a saber: *A ideologia alemã* (2007), *Os Manuscritos econômicos e filosóficos* (1998). Para entender a relação entre estes autores com a escrita de Clovis Moura foram referências os seguintes textos: *Rebeliões da senzala* (2014), *Dialética Radical do Brasil negro* (2014). *Sociologia do Negro Brasileiro* (2019). Foi texto fundamental para esta pesquisa os livros *Ontologia do Ser Social I e II* de George Lukács, além de *Dialética do Trabalho* (2004), de Ricardo Antunes. Este trabalho procurou oferecer, portanto, uma reflexão sobre os temas relacionados à categoria trabalho em Marx e Engels. Conclui-se que, a produção de Clóvis Moura parte dos mesmos pressupostos de Marx e Engels e que, o autor de *Rebeliões da Senzala* ao produzir uma análise sobre a sociedade colonial e seus desdobramentos, considera a categoria trabalho como determinante.

Palavras-chave: Trabalho. Clovis Moura. Escravismo . Dialética radical . Quilombagem.

Abstract:

This research had the challenge of studying how is the relationship between the writing of Clovis Moura with the category work formulated by Karl Marx and Engels. The objective was to identify and analyze in the intellectual production of Clóvis Moura the appropriation and expansion of the analysis of the work category. For this, bibliographical research was made analyzing the main works of Marx and Engels, namely: *The German Ideology* (2007), *The economic and philosophical manuscripts* (1998). To understand the relationship between these authors and the writing of Clovis Moura references the following texts: *Rebellions of the Slave Quarters* (2014), and *Radical Dialectic of Black Brazil* (2014). *Sociologia do Negro Brasileiro* (2019). The books *Ontologia do Ser Social I and II* by George Lukács were fundamental texts for this research. This work sought to offer, therefore, a reflection on the themes related to the category work in Marx and Engels. It is concluded that, the production of Clóvis Moura starts from the same assumptions of Marx and Engels and that the author of *Rebeliões da Senzala* when producing an analysis of the colonial society and its developments part of the work category as determinant.

¹ Pós-graduando em Educação, Cultura e relações Étnicos Raciais (CELACC – USP). Tem especialização em Socioeducação (UNB). Graduado em letras e mestre em educação (PUC – SP). Atua no coletivo de esquerda Força Ativa e trabalha como Técnico de Projetos no Cenpec.

Keywords: Work. Clovis Moura. Slavery. Radical dialectic. Quilombagem.

Resumem:

Esta investigación tuvo el desafío de estudiar la relación entre la escritura de Clovis Moura y la categoría trabajo formulada por Karl Marx y Engels. El objetivo fue identificar y analizar en la producción intelectual de Clóvis Moura la apropiación del análisis de la categoría trabajo. Para esto, se realizó una investigación bibliográfica analizando algunas obras de Marx y Engels, a saber: La ideología alemana (2007), Los manuscritos económicos y filosóficos (1998). Para comprender la relación entre estos autores y la escritura de Clovis Moura, fueron referenciados los siguientes textos: Rebeliões da Senzala (2014), Dialética Radical do Brasil negro (2014). Sociología del Negro Brasileño (2019). Los libros Ontología do Ser Social I y II de George Lukács, así como Dialética del Trabajo (2004), de Ricardo Antunes, fueron textos fundamentales para esta investigación. Este trabajo buscó ofrecer, por lo tanto, una reflexión sobre los temas relacionados con la categoría de trabajo en Marx y Engels. Se concluye que la producción de Clóvis Moura se basa en los mismos supuestos de Marx y Engels y que el autor de Rebeliões da Senzala, al producir un análisis de la sociedad colonial y sus consecuencias, considera la categoría de trabajo como determinante.

Palabras clave: Trabajo. Clovis Moura. esclavitud. Dialéctica radical. Quilombagem.

Introdução

Numa das fachadas do muro da biblioteca Solano Trindade temos o símbolo do Núcleo Cultural Força Ativa em forma de átomo, que significa a própria fruição de energia, aquilo que transmite a força. Além disso, temos estampada na parede a figura da teórica socialista Rosa de Luxemburgo e o desenho do patrono da biblioteca, Solano Trindade, que segundo o núcleo foi o que mais influenciou com suas idéias o movimento hip-hop, principalmente aqueles que escrevem rap.

[...] Temos também, exposto num dos muros do Núcleo Cultural Força Ativa a caricatura do filósofo e economista Karl Marx que, segundo os componentes do grupo, foi aquele que mais estudou e refletiu sobre o funcionamento do capital. Outro que não foi retratado, mas que posteriormente também terá sua imagem estampada é do grande estudioso das relações raciais, Clóvis Moura (SANTOS, 2006, p. 195)

Esse registro é significativo e demonstra a ligação do autor desta pesquisa com a obra de Clóvis Moura. Em 2006, o sociólogo já era estudado, mesmo que de forma inicial, em um coletivo (o qual faço parte) que se organizava na zona leste de São Paulo. Na época, circulava o livro “Sociologia do Negro Brasileiro” que pertencia a um membro do grupo, esse livro chegou a passar nas mãos da maioria das pessoas do coletivo.

Esse preâmbulo, de alguma forma, sugere o interesse pela obra de Clóvis Moura, um teórico que cada vez mais vem sendo estudado por parcela da academia (ainda que muito irrisória) e, do mesmo modo por uma pequena parte dos os movimentos sociais. Há um desafio de verificar em que medida as referências do autor encontram bases nas formulações teóricas de Marx.

Nesse sentido, há um encontro muito caro para esse trabalho que está relacionado, de certa forma, com a práxis² do coletivo de esquerda Força Ativa, objeto da tese de dissertação citada no excerto que abre este texto, e também do autor desta pesquisa que desde o final dos anos de 1990 tenta estudar, com percalços e idas e vindas, as obras de Marx e Moura. Diante do exposto, essas duas referências ganham, para nós, uma importância muito menos acadêmica, pois têm orientado a práxis de um coletivo que há muito tempo esteve bem distante dos espaços da academia e mais próximo dos movimentos sociais periféricos.

Então, na medida que aprofundávamos a leitura sobre a obra de Clóvis Moura, principalmente a partir de 2014, quando seus textos começaram a ser reeditados, aparecia a necessidade de mergulhar em outros estudos, como por exemplo, a produção intelectual

² Para Marx, o trabalho é atividade transformadora, da natureza e da sociedade. Logo, a práxis engendra numa só ação dois momentos: teoria e prática. Desta forma, a práxis é prática, pois é guia de ação e molda a atividade humana e, também, é teoria, uma vez que se torna consciência (VÁZQUEZ, 2007).

na época em que o autor atuava e produzia seus livros (escola paulista de sociologia, as formulações do Partido Comunista do Brasil, a oposição da obra de Moura às formulações culturalistas etc.).

Antes de entrar no tema central deste trabalho, é importante mencionar outras inquietações decorrentes desses estudos. Pensando na corrente culturalista, na geração de 30; na Escola Paulista de Sociologia e outras produções contemporâneas, fica o seguinte questionamento: por que os intelectuais da época estavam tão interessados pela formação de uma identidade nacional? Moura também tinha esse interesse?³

Encontram-se várias diferenças desses autores com Moura, porém duas parecem determinantes: 1. Moura estava preocupado com a transformação da sociedade e não com a formação de uma identidade; 2. Diante dessa preocupação repercutiu a figura do escravizado como sujeito ativo dessa transformação e não mero coadjuvante da luta contra o escravismo. “Moura teria lançado mão do estudo da resistência escrava, um tema que não integrava a agenda de pesquisa da “geração de 30”, e, ao mesmo tempo, abandonado a linha culturalista de abordagem dos antropólogos da mesma geração” (SOUZA, 2013, p. 63).

Nas próprias palavras do autor

Nosso trabalho procura estudar a participação do escravo como forma dinâmica, como contribuinte ativo no processo histórico. A outra parte, do escravo como elemento dócil, masoquista, conservador do regime, termo passivo no processo social já foi por demais estudada. Há mesmo uma verdadeira indústria nesse sentido (MOURA, 1972, p. 22).

Nos últimos anos, vários estudos têm surgido sobre a obra e vida de Clóvis Moura. Numa breve pesquisa na plataforma *Scielo*, digitando a palavra-chave: Clóvis Moura, à primeira vista aparecem aproximadamente 31.600 resultados. No site marxismo21⁴ estão listados 35 trabalhos sobre o autor, além de mencioná-lo em vídeos, áudios, entre outros. Uma hipótese para esse interesse é o advento de estudiosos simpáticos e aderentes à obra do autor, somado às novas edições de seus livros. Essas ocorrências têm sido importantes

³ Vale mencionar que a Escola Paulista de Sociologia e autores ligados ao PCB se debruçaram em outros estudos que contribuíram questionando a corrente culturalista e denunciando o racismo no Brasil. Porém, “A escola teve como principal recorte a temática das relações raciais, incentivado e patrocinado pela UNESCO, e não se preocupou em abordar questões como rebeldia e resistência dos negros e escravos. A preocupação da “escola paulista” estava mais centrada na questão econômica e social da “população de cor.” (SOUZA, 2013, p. 62). Todavia, por limite de espaço, nosso trabalho não pretende aprofundar na Escola Paulista de Sociologia.

⁴ Disponível em: <https://marxismo21.org/clovis-moura-marxismo-e-questao-racial/>. Acesso em: 03 de julho de 2022

para a retomada ou, melhor, para colocá-lo na ordem do dia da academia e nos movimentos sociais.

Se por um lado é perceptível um aumento de produções recentes sobre Moura por outro, ainda que no ambiente acadêmico o volume de publicações como teses e dissertações segue pequeno, os artigos científicos demonstram crescimento no interesse em sua obra, justamente por serem publicações de “topo” de pesquisa, ou seja, pesquisas de novos discentes nos programas de pós-graduação. A presença da obra de Moura nos movimentos sociais ou ambientes culturais é relevante, mas não tem encontrado ressonância nos programas de pós-graduação de *stricto sensu*.

Ao pesquisar no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), encontramos apenas sete trabalhos, dentre eles seis dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Esses dados podem revelar que o interesse pela disseminação das escritas de Clóvis Moura está presente, com maior frequência em estudos de alguns militantes de parte dos movimentos negros e docentes e menos nas universidades. Por conta do limite desse texto, estes trabalhos não serão analisados aqui.

O presente, faz parte do um interesse de uma pessoa que teve contato com a obra de Clóvis Moura nos movimentos sociais, mais especificamente num coletivo da zona leste de São Paulo. Desde o início dos anos 2000, o coletivo de esquerda Força Ativa⁵, de alguma forma, vem estudando o autor de *Rebeliões da Senzala*, numa tentativa de popularizar nas periferias seus textos.

Assim, este trabalho tem como objetivo identificar e analisar na produção intelectual de Clóvis Moura a apropriação da análise da categoria trabalho presente na teoria marxiana. Desta forma, interessa-nos, portanto, pesquisar como a categoria trabalho aparece na obra deste autor.

Para tal, foi necessário retomar um estudo da obra de Marx para compreender a categoria Trabalho e relacionar com as formulações de Moura. Nesta perspectiva foi feito uma análise de textos e livros sobre a temática que abordam a categoria trabalho e tratam

⁵ Organização que trabalha a politização das pessoas por meio da luta de classes, atividades dos quatro elementos do *Hip Hop* e ancestralidade africana. O Núcleo Cultural Força Ativa (Hoje Coletivo de Esquerda Força Ativa) é uma organização que tem como objetivo trabalhar a consciência do povo negro e a conscientização política, por meio de eventos culturais, palestras, debates e bate-papo, grupos de estudo e os mais diversos modos de trabalhos existentes em comunidades. Além disso, o RAP e outros seguimentos do *Hip Hop* (*break*, *DJ*, *Mc* e *grafite*) estão presentes nas práticas, visando uma consciência coletiva da exclusão social. Existente desde outubro de 1989, na zona norte de São Paulo foi denominado Posse Força Ativa; e na zona leste, Cidade Tiradentes, recebeu o nome de Núcleo Cultural Força Ativa. Disponível em: <http://forcaativa.blogspot.com>. Acesso em: 23 jun. 2022.

da vida e obra de Clóvis Moura. Trata-se, portanto, de uma investigação qualitativa e que abrange uma pesquisa bibliográfica (FROTA HAGUETTE, 2001). Contudo,

Para desenvolver uma pesquisa bibliográfica você deve proceder ao levantamento de material (livros, revistas científicas, jornais e outros) publicado a respeito do assunto, para poder identificar, nos escritos de vários autores, aspectos que possam contribuir para esclarecer o problema da pesquisa [...] (VIANNA, 2001, p. 135).

Assim, os procedimentos da pesquisa consistiram em analisar os textos de Karl Marx e Friedrich Engels com intuito de verificar os aspectos que compõem a categoria trabalho, mais especificamente A ideologia alemã (MARX; ENGELS, 2007), Manuscritos Econômicos e Filosóficos (MARX, 2004^a). Tratou-se de elaborar uma síntese sobre essa categoria, partindo do referencial destes autores, está na seção seguinte. Complementar a estes, foram feitas leituras de outros estudiosos que procuraram elucidar como Marx e Engels formularam a categoria trabalho. Foram estudados os textos selecionados por Ricardo Antunes em *Dialética do Trabalho* e György Lukács no texto *Ontologia do ser social I e II*.

No intuito de responder a seguinte questão: *há na escrita de Clóvis Moura uma relação com a categoria trabalho de Marx e Engels?* Foram selecionados textos do autor que são referências para essas pesquisas, a saber: *Rebeliões das Senzalas; Dialética Radical do Brasil Negro* e *Sociologia brasileira do Negro*, presente na terceira seção.

Portanto, é de suma importância verificar as categorias presentes na obra de Clóvis Moura para entender a particularidade do modo de produção escravista e seus desdobramentos presentes na dinâmica da sociedade brasileira.

Além disso, esse trabalho tem o pretensioso objetivo de fazer coro e se somar com outros pesquisadores que se dedicam a disseminação das formulações teóricas de Clóvis Moura, tendo em vista que esses escritos contribuam como subsídio para a práxis dos movimentos sociais, como nos ensina Lukács “A ciência brota da vida, e na vida mesma – saibamos ou não, queiramos ou não – somos obrigados a nos comportar espontaneamente de modo ontológico” (2018, p. 293).

Assim, fazendo um paralelo com a mística do Exu, estudar Clóvis Moura é como atirar uma pedra que vai, de alguma forma, de encontro com formulações do passado que colocava a população preta como objeto e agente passivo da transformação social. Neste sentido, a “pedra” que as formulações do autor atirou em seu tempo, acertou em cheio as teorias do culturalismo, a nosso ver, Moura veio para colocar o preto e a preta no seu devido lugar da história, como sujeito de sua própria luta.

2. A categoria trabalho em Marx e Engels

Em suas críticas ao idealismo dos filósofos alemães, Marx e Engels definiram seus conceitos e categorias a partir dos indivíduos reais, para eles, o ponto de partida é a ação e condições materiais de vida do ser humano, tanto as condições materiais encontradas como as que a humanidade produz por sua ação. Assim, o ser humano⁶ começa a se distinguir dos outros animais na medida que inicia a produção de sua existência, produzindo, diretamente sua própria vida material. “O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com o que produzem como também com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (MARX; ENGELS, 2007, p. 87). Assim, “A constatação filosófica de Marx tem aqui, portanto, a função de crítica ontológica a algumas falsas representações, ou seja, tem por meta despertar a consciência científica no intuito de restaurar no pensamento a realidade autêntica, existente em si” (LUKÁCS, 2018, p. 295).

Outro conceito trabalhado pelos autores é a divisão do trabalho, para eles

[...] as diferentes fases de desenvolvimento da divisão do trabalho significam outras tantas formas diferentes da propriedade; quer dizer, cada nova fase da divisão do trabalho determina também as relações dos indivíduos uns com os outros no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho (MARX; ENGELS, 2007, p. 89).

A divisão social do trabalho é determinante para o percurso e rumo da humanidade. Esse processo é basilar para a dinâmica social dos indivíduos. Nota-se que os autores frisam indivíduos entre si, em sociedade, contrariando a ideia do individualismo de Feuerbach. Portanto, nesta forma de conceber o mundo, os seres humanos se sociabilizam, produzem a vida material de acordo com a divisão do trabalho. Diante disso, são determinados pelo modo como produzem e pelas condições materiais, independentemente de sua vontade.

Os autores afirmam, contudo, que o central não é o homem em si e que a história é história do modo de produção, ou seja, é história das classes sociais. Percebe-se, então, que os pressupostos de Marx e Engels é a realidade concreta, a matéria. Esta materialidade é histórica porque o ser humano faz história, porém, não faz como querem. Para eles, o que determina a história da humanidade são os modos de produção. Nessa perspectiva, a história do modo de produção é fundamental para entender o processo histórico.

⁶ Marx e Engels definem a humanidade como homens, nossa opção é usar os termos ser humano ou humanidade, por vezes será utilizado o termo homem, para não prejudicar a interpretação do texto.

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

Nessa perspectiva, chega-se no nível concreto da produção material da vida: o trabalho. O método parte do materialismo histórico que consiste em conceber a sociedade como ela é, seu real concreto, resultando na categoria do trabalho como força motriz de toda produção da vida material.

Ao verificar as 11 teses sobre Feuerbach, escritas por Marx e Engels (2007), apresenta-se como síntese: é preciso entender a realidade humana como realidade objetiva pela prática e não por teoria. Há uma realidade histórica que independe da humanidade, porém, só o humano pode transformar essa realidade por meio da prática revolucionária. Não existe uma essência humana individualizada, o que temos é uma essência determinada pelo conjunto das relações sociais. Dessa forma, a sociedade é socializada. Os filósofos se preocuparam em interpretar o mundo, o que importa é transformá-lo.

Em outro texto⁷, Engels vai dizer que o trabalho é a condição básica fundamental de toda a vida humana. Segundo sua elaboração, o trabalho criou o próprio homem. O autor vai lançar mão de algumas características fundamentais para estabelecer a categoria na humanidade: o desenvolvimento da mão; o domínio do homem sobre a natureza; o desenvolvimento da linguagem; a criação de instrumentos, a sociedade, entre outros.

Para Lukács (2013), o mérito de Engels foi colocar o trabalho no centro da humanidade, ele ensina que Engels investigou as condições biológicas do papel que o trabalho adquiriu com o salto dos outros animais ao humano. Nesta perspectiva, Engels diz que a mão do homem era livre e poderia adquirir cada vez mais destreza e habilidade. Desta forma, a mão, além de ser órgão do trabalho, também é produto dele, pois na medida que ia desenvolvendo os instrumentos, também desenvolvia as capacidades de articulação das mãos. Assim,

[...] o número e a disposição geral dos músculos são os mesmos do macaco e no homem, mas a mão do selvagem mais primitivo é capaz de executar centenas de operações que não podem ser realizadas pelas mãos de nenhum macaco. Nenhuma mão simiesca jamais construiu um machado de pedra, por mais tosco que fosse (ENGELS, 2004, p. 13).

⁷ Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem (ENGELS, 2004).

Sobre esse aspecto, recorremos a Lukács que explica:

Engels observa, no entanto, com a mesma precisão, que, apesar de tais preparativos, aqui existe um salto, por meio do qual já não nos encontramos dentro da espera da vida orgânica, mas em uma superação de princípio, qualitativa, ontológica (2013, p. 45).

Além disso, Engels elucida que o desenvolvimento do trabalho propiciou e exigiu da humanidade atividades conjuntas, ou seja, em grupos, que, segundo ele, contribuiu forçosamente para agrupar os membros da sociedade. Dessa forma, dessa necessidade deriva a linguagem, pois “[...] os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros” (ENGELS, 2004, p. 15). Nesta perspectiva, a linguagem tem origem a partir do trabalho e pelo trabalho.

Marx e Engels corroboram essa afirmação quando falam da linguagem, para eles

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens e a linguagem (2007, p. 34).

Engels acrescenta outro elemento importante para o desenvolvimento do trabalho, a sociedade organizada. Além disso, vai afirmar que o trabalho começa com a elaboração de instrumentos de caça e de pesca. Estes elementos significam a passagem da alimentação unicamente de vegetal para a alimentação mista, ou seja, o consumo da carne animal significou um elemento importante na transformação. Nesse contexto, a alimentação carnívora foi fundamental para o desenvolvimento da humanidade. Na medida em que o ser humano se afastava do consumo vegetal, mais se elevava em relação aos outros animais. “o consumo de carne na alimentação significou dois novos avanços de importância decisiva: o uso do fogo e a domesticação de animais” (ENGELS, 2004, p. 19). Para Engels, estes dois pontos converteram-se, em suas palavras, diretamente em novos meios de emancipação para a humanidade. Assim, continua o autor,

O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento. Quando o homem se separa definitivamente do macaco, esse desenvolvimento não cessa de modo algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido mesmo às vezes por retrocessos de caráter local ou temporário, mas avançando em seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado, e por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento

que surge com o aparecimento do homem acabado: a sociedade (2004, p. 17).

Em linhas gerais, o ser humano modifica a natureza e obriga a servir-lhe, domina-a. Esta é a diferença essencial entre o humano e os outros animais, “[...] diferença que mais uma vez resulta do trabalho” (ENGELS, 2004, p. 23).

Marx vai mais além quando trata dos instrumentos de trabalho, ele denomina como objeto de trabalho o instrumento segundo o qual serve como condutor da atividade sobre outro objeto, ou seja, sobre os meios de trabalho. Segundo o autor, o objeto do qual o trabalhador se apodera diretamente não é objeto de trabalho, mas sim o meio de trabalho. Assim,

Além das coisas que mediam a atuação do trabalho sobre seu objeto e, por isso, servem, de um modo ou de outro, de condutor da atividade, o processo de trabalho conta, em sentido lato, entre seus meios com todas as condições objetivas que são exigidas para que o processo se realize (MARX, 2004b, p. 33).

Vimos em Engels como se deu o desenvolvimento fundamental para a transformação do macaco em ser humano e suas diferenciações. Há, portanto, um processo que define o trabalho objetivo que transforma a natureza (ou a matéria prima) em trabalho objetivado, trabalho vivo.

Marx⁸ vai acrescentar outro ingrediente à diferenciação do ser humano de outros animais que é fundamental para entender o trabalho como categoria ontológica, quando pressupõe o trabalho como uma forma em que pertence exclusivamente à humanidade, trata-se do processo teleológico. Pois,

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos avos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente (MARX, 2004b, p. 30).

Ou seja, a capacidade teleológica que só o humano a tem, consiste na capacidade de projetar na cabeça o objeto que poderá ser objetivado pelo processo de trabalho, pois “com o ato do pôr teleológico no trabalho está presente o ser social em si” (LUKÁCS, 2018, p. 287).

⁸ Processo de trabalho, processo de valorização (MARX, 2004b).

Marx, por sua vez, define o trabalho como forma de sociabilidade humana, conforme afirmação,

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2004b, p. 29-30).

Esta citação, somada ao excerto que abre a seção, é suficiente para entender o trabalho em Marx e Engels. Em síntese, uma vez que o trabalho é um processo entre a humanidade e a natureza, entende-se que há dois “polos” que se relacionam, o ser como produto da própria natureza é obviamente um ser natural, porém, ontológico, uma vez que desenvolvem características específicas. O desenvolvimento das particularidades humanas, determinadas pela ação do trabalho é fundamental para que o próprio humano domine a natureza por meio de uma mediação que regula e controla seu metabolismo, ou seja, controla as transformações que a natureza sofre pela própria ação humana. Nesta toada, o ser humano domina a natureza em prol de sua própria vida, seu desenvolvimento como humano. Assim, transforma a natureza, e nessa dinâmica transforma a si mesmo. Aqui, nos parece que está a dialética do trabalho. Pois, ao modificar a natureza, o ser humano modifica sua própria natureza, ou seja, transforma a si próprio como humanidade.

3. A obra de Clóvis Moura e a relação com a categoria trabalho em Marx e Engels

Usando como metodologia este fio condutor exposto [...] por K. Marx, procuramos analisar e interpretar a dinâmica do escravismo no Brasil, isto é, a partir de suas contradições estruturais, desde a primeira edição do nosso livro *Rebeliões da Senzala*, publicado em 1959 (MOURA, 2014, p. 39). Grifos do autor.

Poderíamos, com tranquilidade, elaborar uma cronologia da obra de Clóvis Moura apontando em cada texto os elementos que dialogam com os pressupostos do trabalho em Marx e Engels, porém, pela delimitação do presente artigo e como forma de otimizar o espaço, foram feitos, a seguir, apontamentos gerais procurando demonstrar algumas das principais categorias presentes nos estudos de Clóvis Moura, neste contexto.

O certo é que Moura inaugura seus escritos revelando objetivamente seus pressupostos marxianos. Ele faz uma crítica ao culturalismo⁹ e à academia quando estas vertentes faziam suas análises fugindo do modo de produção escravista e suas contradições. Nota-se que em 1959 o autor anuncia que sua crítica terá como centro o modo de produção vigente no colonialismo.

Em outro texto, Moura faz a seguinte afirmação

Queremos dizer, inicialmente, que se trata de uma tentativa exploratória de se empregar a dialética materialista ao problema do negro brasileiro no seu aspecto organizacional e ao nível de convergência entre seus valores culturais, trazidos da África, e a função dos mesmos em uma sociedade de classes (2021, p. 264).

Nota-se, com esta afirmação, que o autor anuncia seu ponto de partida para entender o problema da população preta no Brasil, o materialismo. Mais adiante ele referencia a luta de classes como função organizacional desta sociedade. Na introdução do livro ‘O negro de bom escravo a mau cidadão?’, Gabriel dos Santos Rocha diz que “[...] Moura analisou a formação social do Brasil Colonial e imperial vinculada às relações sociais de produção escravista, as quais lastrearam toda a vida material” (2021, p. 8)¹⁰.

Dois aspectos presentes na obra de Clóvis Moura chamam a atenção para a análise da escravidão no país e seus desdobramentos, a saber: 1. Moura vai reafirmar aquilo que Gorender (2016) colocou à luz do debate da sociologia brasileira, o “escravismo” como modo de produção específico. Ou seja, considerando as particularidades da escravidão nos países da América, forjou-se um modo de produção diferente dos que existiam até então nos países desenvolvidos da Europa (com essa especificidade, mas que faz parte da economia política e complementar ao desenvolvimento econômico europeu). Constatou-se que, o que houve no colonialismo americano, e, particularmente no Brasil se diferenciava do que acontecia nos países europeus, particularmente na França e na Inglaterra, ícones da revolução burguesa. Em linhas gerais, Moura (2014) e Gorender (2016) vão refutar a tese de um país com características feudais ou pré-capitalistas, como

⁹ Segundo Consorte (1997), o culturalismo como esforço de compreensão da diversidade humana constitui-se no processo de crítica ao evolucionismo, caracterizando-se, fundamentalmente, por duas rupturas: uma com o determinismo geográfico e outra com o determinismo biológico. Na medida em que Franz Boas, o responsável por sua formulação, recusa as determinações do meio físico e as determinações raciais como responsáveis pela diversidade dos modos de vida humanos, é na cultura e no particularismo histórico que ele vai buscar as fontes dessa diversidade. O culturalismo é, assim, a vertente do pensamento antropológico que confere à cultura o primado da explicação ou da responsabilidade por essa diversidade.

¹⁰ Prefácio da obra de Moura (2021).

afirmam alguns sociólogos; 2. Moura vai colocar na ordem do dia, o povo preto como sujeito de sua própria história.

Uma vez que o modo de produção está calcado numa particularidade regional, os atores sociais presentes nessa história são aqueles determinantes para fazer a roda da história girar e a dinâmica social é estabelecida por essas relações, assim, o motor dessa história é a luta de classe (MARX; ENGELS, 1998) e as relações são e vão se caracterizar em torno da classe que detém o poder sobre o modo de produção, no caso do colonialismo o senhor de engenho (escravocrata) e aqueles que produzem, são explorados até o limite da sua humanidade, o escravizado (africanos e seus descendentes).

Moura (2014) vai adiante quando demonstra a diferença entre o trabalhador livre e o trabalhador escravizado. Segundo ele, o trabalhador livre possui normas contratuais, participa do mercado e há oscilação no salário no preço de sua força de trabalho. Este, por sua vez, pode adquirir bens de consumo de acordo com suas possibilidades. Exercia o direito de mudar de patrão e exigir melhores pagamentos. Ele é, todavia, dono de sua interioridade.

Já o trabalhador escravizado, continua Moura, circulava como mercadoria idêntica a que produzia. Era socialmente coisificado. Seu corpo era posse absoluta do escravocrata que agia como seu dono. Comia um tipo de ração animal para simplesmente repor a força física para produzir. Podia ser vendido/a juntamente com o produto que produzia, era, todavia, a propriedade privada do escravocrata.

Porém, se de um lado, na perspectiva do escravocrata os africanos e seus descendentes eram pessoas coisificadas e animalizada. Por outro, as pessoas escravizadas se humanizam. Essa dinâmica vai produzir suas particularidades, entre elas a rebeldia, ou seja, o escravizado como elemento de contradição vai lutar ferozmente contra esse modo de produção e ao negar o trabalho forçado, reafirmava sua humanidade. Clóvis Moura rechaça a ideia que concebe o negro como serviçal, boçal e acomodado. Para ele, é a contradição de classes que vai ser definitiva para os desdobramentos do período colonial na sociedade brasileira, e essa contradição é determinada pelo modo de produção vigente, o escravismo.

Os Mecanismos de Barragem (que trataremos no próximo ponto), a abolição da escravatura, elaboração de várias leis (como a Lei da Terra, por exemplo), a política de imigração e a conseqüente tentativa de branqueamento da raça, entre outros, são desdobramentos que de alguma forma tem a ver com frear as lutas dos negros contra o sistema escravocrata (MOURA, 2019).

Nota-se que Clóvis Moura foi um teórico que ousou lançar mão de estudos que vão de encontro às teorias formuladas sobre o negro e a escravidão, que ainda estão presentes na sociologia e na história brasileira. Contudo, o autor vai demonstrar que existe uma *Dialética Radical do Brasil Negro*¹¹ que dispõe de categorias fundamentais como alicerces teóricos para entender a dinâmica do país numa perspectiva que rompe com os padrões de análises que olham para a história da América com uma lente puramente europeia. Aqui reside a necessidade de mirar nas particularidades sócio-históricas, buscando verificar o que foi determinante, superando analogias e paralelismos que tentam comprovar uma história universal.

3.1. Características do escravismo em Clóvis Moura

Para Clóvis Moura (2014), a escravidão no Brasil teve duas fases distintas. Uma ascendente até 1850, outra descendente, que sofreu uma desagregação paulatina até 1888. Para explicar o período, o autor criou duas categorias: escravismo pleno e escravismo tardio. Escravismo pleno foi o período que se estruturou a plenitude da escravidão, por isso o termo pleno. Para ele, foi nesse período que se estruturaram as classes fundamentais da época: senhores e escravizados. O autor utiliza o conceito de classes, o qual indica uma contradição nas relações sociais do escravismo. Estas contradições determinaram a dinâmica desse processo. Vemos, então, que Moura se vale do conceito do conflito de classes para explicar este período, conforme verificado em seus textos anteriores.

“Parece-nos que o sociólogo ou historiador, ao procurar as causas da dinâmica social de um modo de produção e os mecanismos que os fizeram ser substituídos por outros, deve procurar nas contradições e nos conflitos as causas geradoras dessa dinâmica [...]” (MOURA, 2014, p. 41). Ao comparar o exposto com as elaborações de Marx e Engels, fica evidente que Moura parte dos mesmos pressupostos. O excerto evidencia que o autor está de acordo com o método dialético.

Na sociedade colonial, continua Clóvis Moura, a produção era escoada para Portugal, via monopólio comercial exercido pela metrópole através do conselho ultramarino. As relações escravistas de produção eram o suporte fundamental que configurava as suas bases estruturais e determinava todos os demais níveis do relacionamento social e determinava, internamente, a sua dinâmica.

¹¹ Moura (2014).

O direito da época estava em consonância com os interesses da classe senhorial e da Metrópole, aplicava uma série de punições reguladas pelas ordenações do Reino, os códigos Manuelino e posteriormente Filipino que aqui tinha valor de lei.¹²

A economia era subordinada e voltada para o mercado mundial comprador e acumulador, quase toda sua produção ia para o mercado externo. Porém, essa economia só poderia se desenvolver e vender sua produção se fosse compradora de escravizados, estes, como mercadoria, eram a mola propulsora de tudo que dava vida ao sistema. Essa economia não permitia a acumulação de excedentes e de capitais internos em proporções suficientes à abertura de uma via independente do desenvolvimento. Além disso, os dízimos, impostos, obrigações e contribuições arrecadados pelos funcionários do Reino, quase nada ficava na colônia.

O sistema que funcionava como regulador da colônia, era também o responsável pelo suprimento de escravizados. Com isso, forma-se um circuito fechado articulado no sentido de subordinar as economias coloniais na sua totalidade. Tratava-se, ensina Clóvis Moura, de uma sociedade fechada onde nem a classe de escravocratas mantinha a hegemonia e o controle da comercialização do produto nem do preço dos escravizados. A exportação era controlada por comerciantes portugueses. “As leis econômicas que funcionavam no interior dessa economia eram leis do modo de produção escravista, e não de qualquer outro” (MOURA, 2014, p. 69).

Vimos que, para o autor, foi estruturado, no Brasil colônia, o modo de produção escravista que iria incidir em todo o comportamento das classes fundamentais dessa sociedade. Ademais, toda a dinâmica da sociedade, nesse período foi determinada pelo escravismo.

3.2. Os Mecanismos de Barragem no contexto do trabalho e da totalidade

Para discorrer sobre esta seção e a próxima, é importante elucidar o significado de totalidade. O professor José Paulo Neto (2011) oferece um esboço da categoria totalidade formulada por Marx. Nas palavras do autor, para Marx, a sociedade burguesa é uma totalidade concreta, inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade com um grau de complexidade que a distingue pela

¹² Os três principais conjuntos de leis portuguesas até o fim da monarquia. Ver: <<https://doutor-da-lei.jusbrasil.com.br/artigos/540987951/ordenacoes-afonsinas-manuelinas-filipinas-as-ordenacoes-portuguesas-impostas-no-brasil>>

legalidade que as rege, assim: as tendências operantes numa totalidade lhe são peculiares e não podem ser transladadas diretamente a outras totalidades.

Nota-se que Clóvis Moura analisa a sociedade brasileira como um todo, a partir do período colonial, afirmando suas particularidades que a diferencia historicamente da Europa.

Segundo Paulo Neto (2011), cabe à análise de cada um dos complexos constitutivos das totalidades deixarem nítidas as tendências que operam especificamente em cada uma delas. Mas a totalidade concreta e articulada que é a sociedade burguesa é uma *totalidade dinâmica* – seu movimento resulta do caráter *contraditório* de *todas* as totalidades que compõem a totalidade inclusiva e macroscópica.

No que diz respeito a análise da sociedade brasileira, que pese as particularidades determinadas pelo modo de produção específico, ela está, de alguma forma, no contexto da sociedade burguesa, e Clóvis Moura aponta suas contradições deste o período colonial. Assim,

A natureza dessas contradições, seus ritmos, as condições de seus limites, controles e soluções dependem da estrutura de cada totalidade - e, novamente, não há fórmulas/formas apriorísticas para determiná-las: também cabe à pesquisa descobri-las. (PAULO NETO, 2011. p. 57).

Nesta perspectiva, como vimos, a estrutura da totalidade brasileira reside, diretamente, na particularidade do escravismo e seus desdobramentos na República até a contemporaneidade.

Paulo Neto (2011) aponta que uma questão crucial está em descobrir as *relações* entre os processos ocorrentes nas totalidades constitutivas tomadas na sua diversidade e entre elas e a totalidade inclusiva que é a sociedade burguesa. Para ele, estas relações nunca são diretas; elas são *mediadas* pelos distintos níveis de complexidade, e, sobretudo, pela estrutura peculiar de cada totalidade.

Clóvis Moura vai criticar a demografia história que tem, a seu ver, uma abordagem pontifical e dogmática do desenvolvimento social e étnico durante a escravidão e sua substituição pelo trabalho livre. A este respeito, diz o sociólogo:

Esses trabalhos tentam demonstrar a inexistência de barragens sociais e étnica permanente contra o escravo e mesmo liberto o processo de transformação do escravo em homem livre, e, posteriormente, após a abolição, na transformação do ex escravo em cidadão (MOURA, 2014, p. 41).

Esse trecho releva outra categoria cara aos escritos de Clóvis Moura, o *Mecanismo de Barragem* que está inserido na compreensão do conceito de totalidade.

Em uma de suas produções iniciais¹³ já aparece a categoria *Mecanismos de Barragem*, pois ela está presente de forma mais ampla em “*Sociologia do Negro Brasileiro*”, publicado pela primeira vez no ano de 1998, pela editora Ática (São Paulo). A segunda edição do livro foi publicada em 2019, pela editora Perspectiva (São Paulo). Nele, Clóvis Moura faz uma reflexão ampla sobre a abordagem histórica e sociológica do tema da população preta no Brasil.

Organizado em duas partes: 1. Teorias à procura de uma prática; e 2. Dinâmica negra e o racismo branco, o livro aborda, em oito capítulos, temas em relação ao estudo sobre o negro, miscigenação e democracia racial, a imprensa negra, a insurgência do negro, entre outros. A segunda edição está organizada com aproximadamente 250 páginas, nas quais oferece uma reflexão crítica sobre as abordagens sociológicas em relação aos estudos sobre a população preta, sobretudo, nos meios acadêmicos.

Clóvis Moura sintetiza com muita precisão os *Mecanismos de Barragem* presentes em sua obra e ao longo do texto. Para se ter uma ideia, o autor cita 17 vezes o termo *Mecanismos de Barragem* no livro, elucidando como e onde esses mecanismos se concretizaram e demonstra sua fundamental importância na dinâmica da história brasileira para impedir a ascensão da população preta em todas as esferas da sociedade, do colonialismo à República.

Segundo o autor, não é tão difícil perceber a configuração do país e o “lugar” reservado a pretos e pretas na sociedade. Presente na franja das camadas sociais, a população preta carrega os piores dados de exclusão em todas as áreas da política pública, seja na educação, na saúde, no encarceramento, nos índices de mortalidade infantil e todas as formas de violências. Como se não bastasse esta situação, a literatura vai imputar a esta camada da sociedade a responsabilidade pelo espaço que ocupa. Assim, os descendentes de africanos são culpabilizados pelo estado em que se encontram, de forma que a ideologia sustentada por um rol de ações e estratégias para perpetuar o racismo está consolidada e presente no imaginário popular.

Fazendo o seguinte questionamento: o que explica uma parcela que corresponde a maior parte da população que esteve durante mais de quatro séculos ocupando os

¹³ Moura (2021).

espaços produtivos viver em toda história em estado de miserabilidade, alijada de todas as possibilidades de acesso e ascensão social?

A resposta está nos *Mecanismos de Barragem*, criados, perpetuados e modificados quando necessários para que a sociedade branca tomasse como direito os corpos e mentes do povo escravizado e seus descendes. Esses mecanismos aparecem ao longo da história muitas vezes com sutilidades, outras vezes de formas mais violentas. O certo é, foram criadas estratégias diversas, em todos os âmbitos e dimensões, que resultaram numa desigualdade que se perpetua até os dias de hoje.

O autor demonstra que os *Mecanismos de Barragem* foram ferramentas institucionais, ideológicas e estruturantes para manter a população preta “no seu devido lugar”, segundo a mentalidade do escravista que persiste até hoje. Para tal, a sociedade se valeu do mito da democracia racial como instrumento que impedia a ascensão da população escravizada e seus descendentes aos postos de liderança ou prestígio social, cultural ou econômico.

Estes mecanismos, segue o autor, é permanente e se utiliza de estratégias para barrar a mobilidade da população preta, com os diversos níveis de impedimento à sua ascensão. Trata-se de entraves criados pelo racismo que limitavam e impediam tal população de conquistar sua cidadania e se tornar cidadã, tal qual a população branca. Corresponde, assim, a uma defasagem sócio-histórica que atingiu esta camada da sociedade de forma permanentemente na sociedade brasileira.

A barragem também foi fundamental, continua Clóvis Moura, para a ideologia do embranquecimento do povo brasileiro. Inúmeras estratégias foram criadas para tornar o país “mais branco”. “Essa elite de poder que se auto-identifica como *branca* escolheu, como tipo ideal, representativo da superioridade étnica na nossa sociedade, o branco europeu e, em contrapartida, como tipo negativo, inferior, étnica e culturalmente, o negro” (MOURA, 1998, p. 62).

A política de imigração dos europeus, para substituir o trabalhador e a trabalhadora preta, vem nessa esteira da barragem (talvez tenha sido o ponto central desses mecanismos), pois foi determinante para jogar a população preta às margens da sociedade de forma mais concreta possível, pois “como podemos ver, a partir do momento em que o ex-escravo entrou no mercado de trabalho competitivo foi altamente discriminado por uma série de mecanismos de peneiramento que determinava o seu imobilismo” (MOURA, 1998, p. 75).

Portanto, os desdobramentos destes mecanismos geraram um imobilismo que ocorreu em todas as esferas sociais: na política pública aos direitos civis e penais, perpassando os direitos trabalhistas. O país necessitava impedir, de todas as formas, o acesso da população preta, e

Além disso privilegiou-se o trabalhador branco estrangeiro, especialmente após a Abolição, o qual passou a ocupar os grandes espaços dinâmicos dessa sociedade. Surge, como um dos elementos dessa barragem, a ideologia do preconceito de cor que inferioriza o negro em todos os níveis da sua personalidade. Esse preconceito que atua como elemento restritivo das possibilidades do negro na sociedade brasileira [...] (MOURA, 1998, p. 75).

Em suma, para Clóvis Moura, a inferiorização da população preta se deu no nível de renda, no mercado de trabalho, na posição social, na educação e outras esferas sociais. Essa situação deve-se, fundamentalmente, aos *Mecanismos de Barragem* que desde o período do escravismo brasileiro foram arquitetados para colocar os africanos e seus descendentes em espaços sociais restritos e controláveis pelas classes dominantes. O autor afirma que foram criados estereótipos e racionalizações que justificaram medidas de barragem dos grupos ou classes que estão nos estratos superiores ou deliberantes da sociedade. Ou seja, os *Mecanismos de Barragem* foram e ainda são armas fundamentais de dominação e perpetuação ideológica do racismo, bem como dos privilégios de classe e raça.

3.3. A totalidade, o trabalho e a luta de classes como dinâmica social

Clóvis Moura aborda o nascimento, o apogeu e a decadência e decomposição do modo de produção escravista, afirmando que “[...] somente analisando a sua totalidade estrutural com valores e contradições poderemos compreendê-los” (MOURA, 2014, p. 46). Neste aspecto, destaca que há uma racionalidade deste modo de produção que difere do capitalismo. Aqui é importante para entender a dinâmica do colonialismo, pois todas as relações e leis econômicas foram determinadas por essa particularidade que vai diferir da sociedade capitalista, que aliás, o autor vai afirmar que chega ao Brasil tardiamente, comparado com a Europa.

Nota-se que (como ilustrativo), ao estudar o escravismo, o autor aborda os aspectos gerais ou totais desse período como o modo de produção, o direito, a economia, a dinâmica que regulava essa sociedade. Ou seja, ele parte da totalidade, uma vez que “[...] quando se estuda cientificamente as relações estabelecidas de um modo de produção

na sua totalidade, procura-se ver quais são aquelas relações mais importantes no processo da dinâmica do período estudado” (MOURA, 2014, p. 43).

A esse respeito, Lukács (2018) explica que a crítica do sistema feita por Marx parte da totalidade do ser (social) na investigação das conexões e, por sua vez, busca compreendê-las em todas as suas relações, no grau máximo de aproximação possível. Continua Lukács,

A totalidade não é [...] um fato formal do pensamento, mas constitui a reprodução do real existente. [...] as categorias são, na realidade, “formas de ser, determinação da existência”, elementos estruturais de complexos relativamente totais, reais, dinâmicos, cujas inter-relações dinâmicas dão lugar a complexos cada vez mais abrangentes, em sentido tanto extensivo quanto intensivo (2018, p. 297, grifos do autor).

Lukacs vai adiante quando afirma que “por investigar o ser social, a posição ontológica central da categoria da totalidade se apresenta para Marx de modo muito mais imediato do que no estudo filosófico da natureza” (2012, p. 304).

E por fim,

[...] essa colocação central do ser humano na totalidade do ser social é objetivamente ontológica, nada tendo a ver com tomadas de posição subjetivamente axiológicas em face dos complexos de problemas decisivos que emergem em tais processos. Na base dessa perspectiva ontológica está a profunda concepção marxiana do fenômeno e da essência na processualidade do ser social como um todo (LUKÁCS, 2018, p. 320).

Ou seja, para entender a realidade, é mister partir do real concreto, considerando as formas que determinam essa realidade, olhando para os elementos totais e diversos que compõem a dinâmica da sociedade. É preciso, também, verificar como esses elementos (essas categorias) se relacionam neste universo.

Clóvis Moura vai evidenciando a sua opção pelas bases marxianas de análise, pois considera que estudar a realidade partindo da totalidade, tendo como central o modo de produção, demonstrando as mediações nas relações de classes e seus desdobramentos na dinâmica social, uma vez que “A economia marxiana [...] parte sempre da totalidade do ser social e volta a desembocar nessa totalidade” (LUKÁCS, 2018, p. 291).

Segundo Lukács (2018), para entender o ser social é preciso considerar que há uma conexão entre as categorias decisivas: o trabalho, a linguagem, a cooperação e a divisão do trabalho. Estas categorias só podem ser adequadamente compreendidas se forem analisadas em relação umas com as outras, e não isoladamente. O ser social só pode ser compreendido de fato em sua totalidade. Moura (2014), por sua vez, dialogando com

estes pressupostos, defende que ao analisar a sociedade é fundamental olhar para as relações mais importantes no período estudado.

Compreende-se que o exposto até aqui demarca a relação da obra de Moura com os escritos de Marx e Engels. Foi feita uma tentativa de mostrar como ambos partem do mesmo pressuposto de análise da sociedade, prevalecendo a centralidade no real concreto na dinâmica social, considerando o modo de produção como determinante, demonstrando, também, que a realidade posta está sujeita a transformação por meio de uma revolução que será feita pelos explorados. Os estudos de Marx e Engels vão demonstrar que as formas de dominação do capital, a exploração da mão de obra, o mais valor, o trabalho estranhado etc. resultaram nas contradições de classes e na necessidade da classe trabalhadora se libertar desta forma de alienação e recolocar o trabalho como forma de vida e realização da e para a humanidade. Para Marx, Engels e Moura, o que importa é transformar a sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em outro contexto, Marx (2013) diz que o galo gaulês anunciará a revolução alemã quando as condições objetivas daquele país permitirem tal feito. A revolução, nesse sentido, seria a burguesa, em detrimento do feudalismo, pois este evento só esteve presente na cabeça de alguns teóricos alemães daquele país, segundo o autor.

Guardadas as proporções e as devidas particularidades, sem traçar paralelismo algum, no Brasil também não ocorreu a tal sonhada revolução burguesa. Se na velha Alemanha a passagem do feudalismo não culminou com a revolução burguesa, aqui, nem feudalismo existiu. Neste aspecto, reside uma divergência de Clóvis Moura com alguns sociólogos e historiadores que o precede.

Clóvis Moura reafirma o que Gorender (2016) havia anunciado, por sua vez: no Brasil colonial ocorreu um modo de produção particular jamais visto no mundo da revolução industrial, o escravismo. Este modo de produção específico foi determinante na dinâmica das relações sociais e culturais neste país. Todas as formas de sociabilidade se deram tendo como pressupostos este modo de produção que nunca foi feudal e nem capitalista. Assim como Marx (que pensou o desenvolvimento do capital nos países industrializados), Moura parte do modo de produção escravista para explicar a sociedade colonial brasileira.

Para entender a dinâmica sócio-histórica, o autor lançou mão das categorias totalidade, trabalho e luta de classes, afirmando que o trabalho é a força motriz de uma

sociedade e só é possível compreendê-la de forma real concreta, analisando-a em sua totalidade, considerando fundamental as lutas de classes e suas mediações. Com isso, os pressupostos teóricos de Clóvis Moura são os mesmos de Marx e Engels, como vimos ao longo deste trabalho.

Talvez, o salto da obra de Clóvis Moura, para usar uma expressão lukacsiana, reside na sua formulação sobre os escravizados como sujeitos de sua luta pela liberdade contra o escravismo. Ao reparamos em sua obra, com a devida atenção desde as *Rebeliões da Senzala*, nota-se que ele não conta a história da escravidão, e, sim, retrata a trajetória dos africanos e africanas e seus descendentes contra o instituto da escravidão. Não só no Brasil, mas na América.

Outro ponto é que Clóvis Moura desenvolve um estudo sobre a escravidão e a relaciona diretamente como a sociedade brasileira está estruturada a partir do escravismo. Ou seja, a escravidão não é fato histórico ela é a forma como a sociedade brasileira se estrutura. É possível afirmar que é aqui que Clóvis Moura supera os teóricos do culturalismo, entre outros. “Enquanto o escravismo brasileiro era uma instituição sólida e reconhecida, somente os escravos lutaram radicalmente para extingui-lo” (MOURA, 2014, p. 56). A população preta lutou com afinco contra a escravidão, eis a Quilombagem, categoria desenvolvida em Moura (1992).

Se houve lutas por parte de um segmento da sociedade é porque havia outra parte que o explorava, Clóvis Moura reafirma a luta de classes no interior do colonialismo: escravizados e escravocratas representavam a contradição desta sociedade, luta esta, que produziu outras nuances na dinâmica social daquele período. A população preta com sua herança cultural africana praticava a contracultura frente ao escravismo e o eurocentrismo.

Os *Mecanismos de Barragem* foram fundamentais para impedir uma certa ascensão da população preta, contribuindo desde o período colonial para que esta população se mantenha nas franjas das sociedades. No entanto, estes mecanismos, ao produzirem a desigualdade, contribuíram para acirrar a contradição de raças e classes. Assim, as lutas de classes na particularidade brasileira têm o componente da raça desde o colonialismo.

Embora, ainda a historiografia e a sociologia marxiana não considerem este aspecto, ele está presente, pois a exploração do trabalho foi forjada em mais de 300 anos em cima do trabalhador e da trabalhadora preta. Esta é outra particularidade da obra de Moura, considerar os aspectos raciais na contradição de classe e entender os africanos e

seus descendentes como componentes da classe explorada, ou seja, a luta de classes se deu por meio dos escravocratas e escravizados. As palavras de Almeida reafirmam esse legado quando diz que é [...] “Rebeliões da Senzala, primeira grande abordagem de fundamento marxista relativa à escravidão no Brasil...” (2003, p. 01)

O presente artigo teve como objetivo identificar e analisar na produção intelectual de Clóvis Moura a apropriação e ampliação da análise da categoria trabalho presente na teoria marxiana no contexto e conjuntura do escravismo brasileiro. Procurou-se pesquisar como a categoria trabalho aparece na obra deste autor.

Para tal, primeiramente, fez-se uma leitura dos textos de Marx e Engels a fim de sistematizar a categoria trabalho, seus pressupostos fundamentais e suas determinações para e com o ser social. Em seguida, procurou-se identificar nos escritos de Clóvis Moura, como esse autor se valeu das elaborações de Marx e Engels para lançar mão de outras categorias. Nesta perspectiva, foram identificadas categorias elaboradas por Moura como Mecanismos de Barragem, Escravismo Pleno e Escravismo Tardio, entre outras.

Vimos, então, que os estudos de Clóvis Moura têm como determinante o modo de produção e que a partir desta categoria é possível entender a dinâmica da sociedade. O autor considera a luta de classes, e afirma que para entender a história é preciso olhar para sua totalidade. Estes aspectos da análise da sociedade indicam que é possível afirmar que Moura parte dos mesmos pressupostos de Marx e Engels.

Para concluir, se o gaulês não cantou de galo no território brasileiro, devido ao contexto determinado pelo modo de produção escravista, em termos simbólicos passou por aqui a Sankofa que representa as lutas dos povos africanos e seus descendentes. Nesta perspectiva, o legado de Clóvis Moura vem possibilitando que as ciências sociais “voem” para frente com a cabeça voltada para o passado, que é escravista e colonial, carregando em seu “bico” a arma da crítica, o ovo do futuro, a revolução que também é preta.

Voltar atrás para poder avançar, ou seja, aprender com o passado e, assim, entender o presente, e mais importante do que interpretar, transformar o futuro, buscando a liberdade em sua totalidade para a população preta. Por fim, Clóvis Moura nos ensina, sobretudo, que a liberdade é o trabalho livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de. Como se Fosse Introdução. In: ALMEIDA, Luiz Sávio de (org.). O Negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura. Maceió-AL: Editora da Universidade Federal de Alagoas-EDUFAL, 2003.

ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho**. Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em home. *In*: ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho**. Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 11-28.

CONSORTE, Josildeth G. Culturalismo e educação nos anos 50: o desafio da diversidade. *In*: GUSMÃO, Neusa Maria M. de. Antropologia e educação. Interfaces do ensino e da pesquisa. Cadernos CEDES, n. 43. Campinas: Cedes/Unicamp, p. 26-37, 1997.

FROTA HAGUETTE, Teresa Maria. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2016.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004a.

_____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de valorização. *In*: ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho**. Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004b. p. 29-56.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. São Paulo: Bom Tempo, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. Quilombos, Insurreições, Guerrilhas. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

_____. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

_____. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MOURA, Clóvis. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** 2.ed. São Paulo: Dandara, 2021.

Paulo Netto, José. **introdução ao estudo do método Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SANTOS, Rosana Aparecida Martins. **Das estratégias comunicacionais às mediações produzidas por jovens**. Aliança negra posse e núcleo cultural força ativa. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expresso Popular, 2007.

VIANNA, Ilca Oliveira de A. **Metodologia do trabalho científico**: um enfoque didático da produção científica. São Paulo: E.P.U, 2001.

SOUZA, Gustavo Orsolon de. “Rebeliões na Senzala”: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro [dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2013.